

RETORNO ÀS FONTES DA FÉ CRISTÃ

Pe. Paulo Tarso Bispo

Arquidiocese de Feira de Santana – BA

3º ano de Mestrado em História da Igreja – PUG

Tivemos a oportunidade de conhecer a **Basilica de Santa Cecília**, em Trastevere, na manhã do sábado, do dia 14 de maio. Trata-se de uma importante Igreja de Roma. A visita foi guiada por Dom Ruberval Monteiro da Silva, monge beneditino e professor do Pontifício Ateneu Sant’ Anselmo.

Cecília pertencia à nobreza romana, era filha de senador romano e professava a fé cristã. Ela foi dada em casamento, contra a sua vontade, a um jovem pagão chamado Valeriano. Conta a tradição que Cecília falou ao seu esposo que era cristã, e que tinha consagrado a sua virgindade a Deus. Valeriano a respeitou e mais tarde ele e seu irmão Tibúrcio converteram-se ao cristianismo. Era um tempo de forte perseguição aos cristãos. Desse modo, no final do II século, Valeriano e seu irmão foram martirizados e Cecília condenada a morrer sufocada pelo vapor das termas na sua própria casa. Sobreviveu a esta tortura, mas foi condenada dessa vez a ser decapitada, e depois de três golpes, ela ficou agonizando ainda por três dias.

Esta basílica está construída sobre uma casa romana (*domus ecclesiae*), lugar em que os cristãos se reuniam nos primeiros séculos do cristianismo, ou seja, uma casa que era usada para o culto dos cristãos nos primeiros séculos da fé cristã. Esta era a casa de Cecília e seu esposo Valeriano. Trata-se de um lugar muito especial. As escavações arqueológicas permitiram uma “reconstituição” da Casa de Cecília, sobre a qual foi construída a Basílica.

A fachada da Basílica de Santa Cecília, “apresenta um pátio decorado com antigos mosaicos, colunas e um cântaro. Entre os artefatos remanescentes do edifício do século XIII estão um afresco sobre o ‘Juízo Final’ (1289–1293), de Pietro Cavallini, no coro, e um baldaquino, de 1293, no presbitério, obra de Arnolfo di Cambio. O baldaquino está circundado por quatro colunas de mármore branco e preto decoradas com estatuetas de anjos, santos, profetas e evangelistas. A abside abriga o que restou de mosaicos do século IX sobre o ‘Redentor com Paulo, Cecília, Pascoal I, Pedro, Valeriano e Ágata’”. (*La Basilica di Santa Cecilia in Trastevere*, a cura di Valentina Oliva, Roma, 2015.)

O Corpo da mártir Cecília foi trasladado da catacumba de São Calisto pelo Papa Pascoal I, no século IX e, em 1600, o Cardeal Sfrondrati pediu ao escultor **Stefano Maderno** que ele fizesse uma estátua de mármore, na posição em que o corpo foi encontrado, após a exumação. Importante ressaltar que esse escultor viu o corpo de Santa Cecília, quando foi exumado, em 20 de outubro 1559. A estátua faz referência a dois fatos: os três golpes descritos no relato da Paixão de Cecília, do século V, sobre o martírio da santa, e a incorruptibilidade de seu corpo. Mesmo depois de séculos de sepultamento, o corpo da mártir Cecília permanecia intacto.

Indubitavelmente, este momento significou retorno às raízes da fé cristã. Tertuliano já nos lembrava de que o sangue dos mártires é semente da Igreja, semente de novos cristãos. Assim, acreditamos que o testemunho de Santa Cecília, dado e professado num tempo em que não era culturalmente confortável ser cristão, fortalece a nossa fé e a atitude de pertença à Igreja. Pela janela da história, podemos constatar que muitos que nos precederam, contribuíram para construir a nossa tradição viva de fé. Desse modo, olhamos para frente, pois a *martiria*, tanto cruenta como incruenta, faz parte da constituição da Igreja, colaborando ainda hoje, sobremaneira, para o crescimento da fé cristã.